

RELATÓRIO FINAL

**A GLOBALIZAÇÃO, O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL E O
MOVIMENTO ALTERMUNDISTA**

Aluna: Igor Luis Pereira e Silva
Orientador: José Maria Gomez

Financiamento: CNPq/PIBIC

A GLOBALIZAÇÃO, O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL E O MOVIMENTO ALTERMUNDISTA

Aluno: Igor Luis Pereira e Silva

Orientador: José Maria Gomez

*“Traga a violência do impetuoso instante.
Só após ter os anos transcendido,
Reaparece em perfeição radiante.
Nasce o que brilha apenas para o já;
Para o porvir, o que é real viverá.”*

(Goethe em Fausto, uma tragédia)

I – A Natureza do Fórum Social Mundial

A Carta de Princípios do FSM o define da seguinte forma:

“O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra”.¹

A partir desta conceituação, pode-se entender o fenômeno do Fórum Social Mundial como uma área de intercâmbio e congregação dos atores que se consideram em resistência à ordem econômica e política dominante. Ele é um laboratório, desenvolvido como manifesto opositor do Fórum Econômico de Davos, que reúne as idéias, as experiências, as teses e os desejos dos sujeitos políticos (ONG's, rede de ativistas, movimentos sociais, militantes autônomos, etc.) opositores da globalização neoliberal, ou seja, aqueles que trabalham com o fim de ultrapassar o receituário reducionista vigente² (direitos humanos individuais, modelo econômico neoliberal e democracias eleitorais), criando e disseminando alternativas para o

¹ Carta de Princípios. Disponível em

http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=1 17 de Junho de 2006.

² GÓMEZ, José Maria. *Direitos Humanos, Desenvolvimento e Democracia na América Latina*. Revista Praia Vermelha (UFRJ), Nº 11, 2005. Em relação ao tripé reducionista da ordem neoliberal, leciona o cientista político José Maria Gomez: “Embora as origens sejam complexas e o funcionamento esteja atravessado de contradições e ambigüidades, os entendimentos restritivos dos direitos humanos (como direitos civis universais), do desenvolvimento (como crescimento identificado ao modelo econômico neoliberal) e da democracia (como mecanismo procedimental-eleitoral referido à forma de governos dos Estados) alcançaram uma notável difusão nas últimas décadas, porque respondiam às estratégias de construção hegemônica da ordem global pelo bloco de poder imperial, do qual fazem parte poderosas forças sociais, instituições e idéias (basicamente, os Estados centrais sob a aberta supremacia norte-americana, o capital transnacional, as instituições internacionais financeiras, de desenvolvimento e de segurança, e o ideário neoliberal com seus *think thanks* e numerosos suportes de divulgação midiática, acadêmica e sócio-política).

desenvolvimento de uma dimensão utópica de um imaginário democrático radical baseado na diversidade, a horizontalidade e a trans-escala³.

Outro ponto importante é seu caráter dinâmico e persecutório. O FSM não é um evento ou um conjunto de acontecimentos, mas um processo. Nesta trilha, seu heterogêneo poder prolonga-se no tempo ininterruptamente, posto ser da sua essência o desejo de transformação e, tendo tal fim, persevera como contraponto ao modelo dominante até dissipá-lo; articulando, potencializando e dando sentido comum às campanhas progressistas que estão em curso⁴. Seus efeitos expandem-se pelo espaço através dos sujeitos políticos que dele participam, os quais continuam em atividade através de formas colaborativas de trabalho afirmativas da possibilidade de um outro mundo: igualitário, diverso, inclusivo e solidário.

Para melhor esclarecimento da natureza do Fórum Social Mundial, faz-se mister o magistério de Boaventura de Souza Santos:

“O FSM é o conjunto das iniciativas de intercâmbio transnacional entre movimentos sociais, organizações não-governamentais (ONG’s), e os seus conhecimentos e práticas das lutas sociais locais, nacionais e globais, levadas a cabo em conformidade com a Carta de Princípios de Porto Alegre contra as formas de exclusão e de inclusão, de discriminação e igualdade, de universalismo e particularismo, de imposição cultural e relativismo, produzidas ou permitidas pela fase actual do capitalismo conhecida como globalização neoliberal”⁵.

II – O Fórum Social Mundial e a Sociedade Civil

Francisco Whitaker, um dos principais organizadores do processo, afirma que o objetivo geral comum do Fórum Social Mundial é a superação do neoliberalismo, todavia considera ser outro o maior objetivo do FSM: reforçar a sociedade civil como um novo ator político independente dos governos, dos partidos e dos chefes políticos. O Fórum seria uma rota para a edificação de uma unimultiplicidade entre as organizações participantes. Para o ativista, o processo é um convite para substituir a disputa pela escuta, estabelecendo um diálogo que pode levar à descoberta de convergências e à solidificação de novas parcerias⁶.

O conceito de sociedade civil é ainda confuso, não havendo consenso sobre o seu significado. Intui-se como uma esfera social crítica e à parte do Estado, cuja abrangência está além das sociedades nacionais, regionais e locais. David Chandler aborda o tema da seguinte forma:

“A Sociedade Civil Global é um conceito confuso e contestado. De modo empírico, refere-se ao número crescente de atores não-estatais operando além das fronteiras nacionais, econômicas e políticas; já normativamente, o conceito se refere

³ GOMEZ, José Maria. De Porto Alegre a Mumbai. *O Fórum Social Mundial e os desafios do movimento altermundialista*, in: Ana Esther Ceceña (comp.) *Hegemonias e Emancipações no Século XXI*. São Paulo, 2005.

⁴ MARTINS, Antonio. *Que outro mundo é possível*. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_martins_fsm2006p> 18 de Junho de 2006.

⁵ SANTOS, Boaventura de Souza. *O Fórum Social Mundial. Manual de Uso*. São Paulo, Cortez Editora, 2005.

⁶ WHITAKER, Francisco. *O Fórum Social Mundial Policêntrico de 2006: o que está em jogo, os desafios*. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_chicow_vifsm_por>. 18 de Junho de 2006. Sobre o tópico, arremata o ativista: “Um Fórum Social abre caminho para a construção da unidade entre as organizações que dele participam, pela superação das barreiras que em geral as mantêm divididas, e pela prática do reconhecimento mútuo e da descoberta da força autônoma que possuem, dentro do respeito de sua diversidade.”

as novas normas globais e valores referidos a esses atores, ou derivados de suas interações.”⁷

Sobre a polêmica, pronuncia-se Mary Kaldor:

“A sociedade civil global é uma esfera de idéias, valores, instituições, organizações, redes e indivíduos localizados entre a família, o estado e o mercado, operando além dos limites das sociedades nacionais, políticas e econômicas.”⁸

No interior desta esfera, encontra-se a construção de uma globalização contra-hegemônica, de uma sociedade civil global de “baixo para cima”, que desenvolve constantemente estratégias para ir além das limitações das políticas tradicionais baseadas no Estado, como ator central e indissociável da organização e da demanda política. O processo do FSM ao levar a cabo as idéias normativas da democracia, da justiça, da pluralidade e diversidade, e ao possibilitar o encontro de diversos atores que buscam um outro mundo e novas alternativas ao ordenamento neoliberal, o qual tenta fazer com que todo o possível seja impossibilitado, assume uma característica evidentemente contra-hegemonica, produtora de um embrionário contrapoder⁹.

III – A Sociedade Civil e a Exclusão

Emergente na década de 90, a sociedade civil global principia a cognição entre os seres humanos de que o mundo é um lugar singular¹⁰. Aposta-se que esta conscientização e conectividade interplanetária impulsionará progressivamente a globalização contra-hegemônica, aumentando o grau da sua força em face dos sustentadores da atual ordem, os quais estarão cada vez mais isolados diante da ineficácia social do avanço do capitalismo, da tecnologia desmedida, da desregulamentação e da elevação teológica e incontestável do mercado.

O encanto do neoliberalismo nada mais é do que um êxtase, cujos efeitos tendem a passar, pois a sua lógica, levada às últimas consequências, leva ao colapso. O sistema e seus mecanismos de entorpecimento geram massas de excluídos, indigentes, expulsos das benesses de uma minoria que adquire lucros cada vez mais exorbitantes¹¹.

Antonio Martins discorre sobre o assunto:

“Dez anos depois, este encanto está desfeito. Uma parte expressiva e crescente da opinião pública, em inúmeros países, tornou-se partidária de valores cujo pontencial anti-sistêmico é evidente. (...) Por dificuldades internas, que decorrem de seu caráter ultra-conservador e excludente, o capitalismo contrariou rapidamente as promessas que fizera. A multiplicação

⁷ CHANDLER, David. *Building Global Civil Society "from below"?*. Millenium vol. 33, N°2, 2004. Tradução livre.

⁸ KALDOR, Mary. *Introducing Global Civil Society*. Tradução livre.

⁹ GOMEZ, José Maria. *De Porto Alegre a Mumbai. O Fórum Social Mundial e os desafios do movimento altermundialista*, in: Ana Esther Ceceña (comp.) *Hegemonias e Emancipações no Século XXI*. São Paulo, 2005.

¹⁰ Para mais informações sobre o assunto, recomenda-se a leitura de SCHOLTE, Jan. *What is Globalization? The Definitional Issue - Again?*. CSG Working Paper N° 109/02, Dec. 2002. The University of Warwick.

¹¹ Para mais informações sobre o assunto, recomenda-se a leitura de BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1999.

das crises financeiras e os sacrifícios impostos às sociedades, a pretextos de evitá-las, desfizeram os sonhos de prosperidade e conforto.”¹²

É incrível como uma boa parte dos arautos do individualismo não percebem a óbvia adequação: o aumento efervescente do desequilíbrio existencial gerará uma instabilidade social tamanha que afetará de modo decisivo o próprio sistema de isolamento defendido por eles. Aqueles que vivem relegados, às margens e descartáveis observam o esbanjamento da riqueza e desejam também adquirir as benesses. A percepção da impossibilidade de ter os objetos que contém o valor social superficial da vida impresso pelo sistema, a extrema dificuldade de conseguir suprir as suas necessidades vitais e as recepções de cargas reiteradas de preconceitos e indiferenças fazem com que os excluídos interiorizem a própria exclusão e tenham afetos nocivos à minoria possuidora.

Estas nocividades, íntimas e ascendentes, gradualmente e em conjunto transmudam-se em bolsões de ódio, os quais possuem a cada dia mais força para afastar e destruir os que odeiam. De acordo com esta razão, infere-se um erro corrente no pensamento atual em todas as esferas sociais e políticas, qual seja, aquele que afirma estar a humanidade vivendo em uma era de insegurança¹³. Tal como dizem, não existe insegurança hoje, pois esta nasce do medo a respeito de uma violência futura e incerta. Não há mais incertezas em relação à violência. Ela já é veemente, certa e arrebatadora. Em verdade, vivencia-se a era do desespero, que revela conflitos indubitáveis e esmagadores¹⁴. Já é segura a ocorrência de ataques, torturas e mortes. Os corpos estão despídos e disponíveis.

Fortificando este alerta, o Relatório sobre a Situação Social Mundial 2005, produzido pelas Nações Unidas, denuncia desigualdades sociais entre países e dentro deles em um ritmo crescente conforme a globalização hegemônica avança. Como expressão desta disparidade, cita-se alguns dados alarmantes: a probabilidade dos jovens estarem desempregados é três vezes superior à dos adultos, aqueles representam atualmente 47% do total dos 186 milhões de desempregados do mundo; quase um quarto dos trabalhadores do mundo inteiro não ganham o suficiente para conseguir ultrapassar o limiar de pobreza de um dólar por dia; 16% da população detém 80% do PIB mundial¹⁵.

Desde sua primeira edição, o Fórum Social Mundial denuncia estas mazelas, como consta em um dos primeiros balanços do processo, lançado por Boaventura de Souza Santos em 2001:

“Mostramos aqui que somos a favor da globalização, mas de uma globalização justa que não produza a destruição e miséria para a maioria da população mundial. Quando se verifica que quatro cidadãos americanos tem tanta riqueza quanto o conjunto de 43 países menos desenvolvidos com uma população de 600 milhões de pessoas, não é preciso ser de esquerda para considerar que isto, além de injusto, é absurdo. E é absurdo precisamente porque há alternativas realistas, tanto no plano técnico como no plano político.”¹⁶

¹² MARTINS, Antonio. *Que outro mundo é possível*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_martins_fsm2006p> 18 de Junho de 2006.

¹³ O discurso da segurança emerge no mundo com a qualidade e a força de uma novela televisiva. Para obter mais informações sobre este discurso e para uma crítica à política criminal neoliberal, recomenda-se a leitura de DORNELLES, José Ricardo W. *Conflito e Segurança – Entre Pombos e Falcões*. Rio de Janeiro, Editora Lumen Juris, 2003.

¹⁴ Para um idéia adequada a respeito das afecções de segurança e do desespero, recomenda-se a leitura de SPINOZA, Baruch de. *Ética – Demonstrada à Maneira dos Geômetras*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 2004.

¹⁵ *Report on the World Social Situation 2005: The Inequality Predicament*. Disponível em:

<<http://www.un.org/esa/socdev/rwss/media%2005/cd-docs/fullreport05.htm>> 15 de Maio de 2006.

¹⁶ SANTOS, Boaventura de Souza. *O princípio do futuro*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/por_1bal1.php> 15 de Maio de 2006.

IV – O VI Fórum Social Mundial (2006)

O VI FSM estava planejado para ser realizado inicialmente na África, porém devido a desistência dos organizadores em cumpri-lo no ano de 2006, porque necessitavam de mais tempo para providenciar sua concretização, foi realizado de modo policêntrico, ou seja, de forma descentralizada, em Bamako (Mali), Venezuela (Caracas) e Karachi (Paquistão) – um fórum para cada continente do Terceiro Mundo -. No princípio, o VI Fórum Social Mundial estava planejado para ser executado simultaneamente, todavia aconteceram problemas logísticos em Bamako e um fatídico terremoto no Paquistão, que impossibilitaram a simultaneidade dos eventos.

As opiniões em relação à descentralização do Fórum divergem: uns acreditam que ela enfraqueceria a dimensão do encontro, tornando-o fragmentado e diminuindo seu impacto, outros afirmam o contrário, que sua potência apareceria devido aos espaços diversos de intercâmbio e de uma maior integração entre os continentes, facilitando e fomentando a articulação dos movimentos¹⁷.

O evento de Bamako foi realizado de 19 a 23 de Janeiro de 2006, contando com cerca de 20 mil pessoas e 160 atividades na programação. Foram abordados temas como a marginalização da luta das mulheres, as investidas contra as sociedades camponesas e a agressão dos ecossistemas¹⁸.

O VI Fórum Social Mundial, capítulo das Américas, aconteceu de 24 a 29 de Janeiro de 2006, em Caracas, e teve a participação de aproximadamente 80 mil inscritos e 2 mil atividades¹⁹. Os países com as delegações mais numerosas foram, respectivamente, o Brasil (450 atividades propostas), a Venezuela (400 atividades propostas) e a Colômbia (150 atividades propostas). A delegação estadunidense foi expressiva, contendo 115 atividades propostas, o que demonstra um pensamento anti-sistêmico interessante surgindo no país. As proposições foram divididas em 6 eixos temáticos, qual sejam, poder, política e lutas pela emancipação social; estratégias imperialistas e resistências dos povos; recursos e direitos para a vida: alternativas ao modelo civilizatório depredador; diversidades, identidades e cosmovisões em movimento; trabalho, exploração e reprodução da vida; e comunicação, culturas e educação: dinâmicas e alternativas democratizadoras²⁰.

O Fórum Social Mundial policêntrico de Karachi ocorreu entre os dias 24 e 29 de março de 2006, atingindo a marca de 30.000 pessoas inscritas, 16 conferências/plenárias e 360 atividades autogestionadas. Foram abordados temas como o imperialismo, militarização e conflitos armados na região e movimentos pela paz, Estado e religião, pluralismo e fundamentalismo e mulheres, patriarcalismo e mudança social²¹.

Uma importante novidade no FSM policêntrico de Caracas foi o amplo engajamento dos movimentos sociais e das ONG's estadunidenses. Neste sentido, diz Boaventura de Souza Santos:

“A grande participação de organizações não-governamentais e movimentos sociais norte-americanos foi uma das novidades mais vincadas deste fórum.

¹⁷ WHITAKER, Francisco. Op. cit.

¹⁸ *Programação de Bamako*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/download/programa_fsm2006_bamako.pdf> 19 de Julho de 2006.

¹⁹ O VI FSM Américas obteve 53.000 participantes individuais, 19.000 delegados, 2.500 organizações, 3.000 voluntários e 4.900 jornalistas.

²⁰ *Temas do FSM 2006 Américas e II Fórum Social Américas*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=temas_caracas_por> 19 de Julho de 2006.

²¹ *Temas de Karachi*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=temas_karachi_por> 19 de Julho de 2006.

A presença destacada da ativista contra a guerra no Iraque Cinthia Sheenan – que montou a sua tenda de protesto em frente ao rancho de G. W. Bush no Texas – simbolizou a integração das forças progressistas norte-americanas – até agora relativamente isoladas – na luta continental e mundial por uma sociedade mais justa e pacífica.”²²

Este fato e seu sucesso no FSM de Caracas demonstra que os participantes do evento souberam diferenciar a política estadunidense de seus cidadãos. É de vital importância esta diferenciação, pois torna-se inviável o pensar e a *praxis* de uma globalização contra-hegêmonica, inclusiva e em prol de uma unidade de multiplicidades, se perdurar no mundo um corte moral entre bons e maus em decorrência da origem de cada um.

Deve-se constantemente empreender um esforço para o reconhecimento de cada pessoa como tendo uma mesma condição humana; única, posto que diversa do todo, porém contígua, já que integrante de um mesmo gênero, um mesmo corpo humano. Para atingir este desígnio, faz-se necessário produzir, reproduzir e transmitir às consciências a qualidade de cada ente de ser humano, antes de estadunidense, francês, brasileiro, japonês e assim por diante. A característica nacional é saudável enquanto propulsora de um intercâmbio cultural e para o estímulo de um país. Ela de forma alguma pode estar associada à determinação da grandeza de cada pessoa.

Outra novidade deste Fórum Social Mundial foi o seu caráter nitidamente político-estatal. As discussões estiveram centralizadas na natureza dos governos de esquerda emergentes, no possível nascedouro de um eixo governamental anti-sistêmico, nas estratégias de poder e nas resistências ao imperialismo²³. Seu caráter político-estatal justifica-se devido ao fato do FSM refletir as influências dos atores políticos locais e do cenário político mundial. Destarte, o evento recebeu o forte prestígio das vitórias das campanhas estatais da esquerda na América Latina.

Dentre os documentos desenvolvidos nesta sexta edição, os mais notáveis foram o Manifesto de San Rafael que, tal como o Manifesto de Porto Alegre, foi um apelo feito por intelectuais (Eduardo Galeano, Emir Sader, Ignacio Ramonet, entre outros) para que o FSM apresentasse algumas propostas comuns e consensuais²⁴, e o Chamado de Bamako, inspirado na Conferência de Bandung de 1955, que foi um documento denunciador das mazelas e repressões produzidas pelo capitalismo contemporâneo. Em relação ao Chamado de Bamako, expõe Gilberto Maringoni:

“O “Chamado de Bamako”, documento de 15 páginas, saído do encontro extra-fórum, acabou se tornando o grande tema informal da semana caraquenha e a materialização da já falada disputa de rumos do FSM. Trata-se de uma carta de um grupo de participantes, alertando para as características imperiais e regressivas do capitalismo contemporâneo. O texto busca a unificação de algumas lutas, como a negação da guerra, das armas nucleares e das bases norte-americanas pelo mundo, além de afirmar a defesa do caráter público dos recursos naturais. No fim, aponta uma alternativa socialista.”²⁵

A respeito do mesmo documento, aponta Bia Barbosa:

²² SANTOS, Boaventura de Souza. *O Mundo Solidário*, 2006. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_boaventura_2006p> 19 de Julho de 2006.

²³ NAVARRO, Luiz Hernández. *El Foro Social Mundial de Caracas: un balance*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_navarro_2006_esp> 19 de Julho de 2006.

²⁴ MARINGONI, Gilberto. *FSM CARACAS - Gigantinho 2 – A missão (primeira parte)*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_maringoni_2006p> 20 de Julho de 2006.

²⁵ MARINGONI, Gilberto. Op. cit.

“O espírito de Bandung e dos chamados altermundistas foi evocado, 50 anos depois, à véspera da abertura do Fórum Social Mundial em Bamako, no Mali, para inspirar os atuais críticos da globalização neoliberal a reorganizar suas forças. Convocado pelo Fórum Mundial das Alternativas, o Fórum do Terceiro Mundo, o Fórum por um Outro Mali e pela ENDA – uma das maiores organizações não-governamentais africanas –, o encontro reuniu mais de 300 representantes de movimentos sociais, sindicatos e ONGs, intelectuais e parlamentares dos cinco continentes, visando à criação de uma frente de combate ao novo imperialismo”.²⁶

Estas declarações retomam uma antiga, mas sempre ressurgente, polêmica a respeito da transformação ou não do Fórum Social Mundial em um ator político deliberativo. De início, faz-se mister a lição de Atílio Boron, que postula ser indispensável para a fecundidade do debate o rompimento da dicotomia existente a respeito do assunto, aquela que obriga a escolher entre uma Woodstock altermundista, festiva, sem comprometer e que visa, tão somente, celebrar a união dos atores contra-hegemônicos e uma nova Terceira Internacional estalinista, concentradora de poder, a qual dirigiria com vigor os agentes integrantes do FSM²⁷. O ativista deixa bem claro que coordenação não significa subordinação e que o corolário lógico da globalização das lutas e das resistências é a construção de uma instância mínima de união e coordenação entre os movimentos.

Como bem explanou Atílio Boron, é imprescindível a superação de caminhos únicos e dissociados um do outro na elaboração de estratégias a respeito da objetividade e eficiência do Fórum. A problemática ultrapassa ultimatos, como o de Emir Sader²⁸, mas também vai além do apego irreflexivo à Carta de Princípios, que proclama o caráter não deliberativo do processo, veda decisões em nome do FSM e sua constituição como instância de poder²⁹.

Francisco Whitaker profere importante alerta sobre o debate:

²⁶ BARBOSA, Bia. “Chamada de Bamako” convoca o Sul à luta contra imperialismo econômico e militar. Disponível em:

<<http://ciranda.softwarelivre.org/bin/view/Castellano/ThematicTerrains?inc1=Artigos&inc2=NewsItem20060120004937RitaFreir>>. 20 de Julho de 2006.

²⁷ BORON, Atílio A. *El Foro de Caracas: la otra mirada*. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_boron_2006_esp>. 21 de Julho de 2006.

Sobre a questão, esclarece o pensador: “Esta opción es completamente falsa, entre otras cosas porque no existe posibilidad alguna de que una “nueva internacional” como la que Hernández Navarro ve en ciernes reúna los mínimos requisitos de viabilidad práctica. No se trata, por lo tanto, de elegir una u otra, sino de encontrar los caminos intermedios que nos faculten para romper esa falsa disyuntiva. Lenin gustaba de citar a Goethe cuando decía que “grises son las teorías, pero verde es el árbol de la vida.” Conviene recordar esa frase en momentos como éste, cuando se nos pretende forzar a adoptar un “camino único”, insanablemente gris; ¡o Woodstock o el Comintern! La imaginación de las fuerzas y movimientos sociales contiene muchísimos tonos de verde que rompen la sujeción a aquel falso dilema.”

²⁸ SADER, Emir. *FSM: Da resistência à luta por um mundo posneoliberal ou a intranscendência*. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_sader_fsm2006p> 21 de Julho de 2006.

Emir Sader dá o seguinte ultimato ao Fórum Social Mundial: “Ou o Fórum Social Mundial sai da fase de resistência ao neoliberalismo e passa a participar ativamente da luta por um “outro mundo possível” ou ficará relegado à intranscendência. A realização do FSM na Venezuela é uma excelente oportunidade para dar esse salto. Se sair incólume dela, retomando o mesmo discurso de antes, sem ter aprendido das extraordinárias conquistas e lições que a América Latina e o Caribe têm a oferecer, se condenará a perpetuar sua atual marginalidade em relação aos grandes combates que se livram contra a hegemonia imperial e o neoliberalismo no mundo, os reinos do dinheiro, das armas e da mídia monopolista.”

²⁹ *Carta de Princípios*. Op. cit.

“Se a unidade é condição para se construir uma força política realmente capaz de enfrentar o capitalismo, e é urgente construí-la, a tentação é a de tentar chegar a ela não pela convicção militante – mais demorada – mas por comandos unificados capazes de impor a disciplina e a obediência – supostamente mais eficazes.”³⁰

Nesta trilha, torna-se crucial a abordagem da teoria da inteligência de enxame para uma adequada contemplação do tema. Os pesquisadores contemporâneos de inteligência artificial e métodos de informática invocam a expressão inteligência de enxame para designar as técnicas coletivas de resolução de problemas sem um órgão central de controle ou a existência de um modelo global³¹.

Antonio Negri expõe adequadamente a teoria:

“Quando uma rede disseminada ataca, investe sobre o inimigo como um enxame: inúmeras forças independentes parecem atacar de todas as direções num ponto específico, voltando em seguida a desaparecer no ambiente. De uma perspectiva externa, o ataque em rede é apresentado como um enxame porque parece informe. Como a rede não tem um centro que determine a ordem, aqueles que só são capazes de pensar em termos de modelos tradicionais podem presumir que ela não tem qualquer forma de organização – o que eles enxergam é apenas espontaneidade e anarquia.”³²

As investidas em rede são descentralizadas e não possuem uma mônada central para deliberações, porém possuem uma criatividade organizacional decorrente da natural composição de forças erigidas pela multiplicidade de atores possuidores dos mesmos fins anti-sistêmicos. Aposta-se então em uma inteligência fundamentalmente social, que expande-se por comunicação e emulação, identificando de modo local, regional e global as estruturas de oportunidades nascentes em prol de um outro mundo regado por uma ética sustentável.

Deste modo, o Fórum Social Mundial precisa radicalizar as instâncias de arte e comunicação dos afetos em seu seio. Para integrar todos no que já se consolidou, buscar a consolidação no que está em vias de integralização e criar os espaços políticos para os embates temáticos de manifesta oposição.

Modelos centrais não são necessários no movimento altermundista, pois repetem uma lógica que tende a estimular as disputas de poder e produzir uma resistência de vanguarda de baixa densidade democrática. Ademais, a indústria cultural, o marketing e o mercado não se desenvolvem a partir de um núcleo, porém atuam em rede, espalhando sua dominação desordenadamente, através de um controle social camuflado de superficialidades e executando técnicas de adulteração da *laetitia*. Diante do novo, deve-se ser inédito. A aurora é uma questão de quebra e inovação.

V – Conclusão

Assim como as guerras vindouras não serão um patíbulo de fogo, ossos e sangue, porém uma batalha cirúrgica global de imagens, hardwares e softwares, os porvires das resistências não devem se concentrar na recuperação de técnicas enferrujadas de luta, mas no resgate da criatividade e da inventividade.

³⁰ WHITAKER, Francisco. *Rumo ao Quênia em 2007*. Disponível em:

<http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_whitaker_2007_po> 21 de Julho de 2006.

³¹ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Multidão – Guerra e Democracia na Era do Império*. São Paulo, Editora Record, 2005.

³² NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. Op. cit.

Qualquer movimento anti-sistêmico, para ser efetivo, precisa atacar o principal tumor da contemporaneidade, qual seja, a desistência de acreditar na existência. As forças de baixo devem provocar o choque da elevação do pensamento, que está desgastado, derrotado e escamoteado pela prodigalidade e permutação das vidas.

A continuidade do processo FSM, independente das bandeiras que seus atores defendam, sujeita-se à produção de alternativas aos sedutores valores do sistema. Além de denunciar o terrorismo, a guerra e a miséria, e de travar lutas por democracias de alta intensidade, por uma cidadania ativa cosmopolita, por um desenvolvimento sustentável e por uma justiça social e cognitiva global, o movimento altermundista ainda detêm a árdua tarefa de auxiliar a engendrar o renascimento da *paideia*.